

Estariamos já vivendo o Apocalipse?

Por Leonardo Comparsi de Oliveira

Quando ouvimos a palavra *Apocalipse*, o imaginário coletivo costuma recorrer a imagens de destruição total: cidades em ruínas, colapso climático, guerras, fome, epidemias e o fim da civilização como a conhecemos. Curiosamente, muitas dessas imagens deixaram de ser metáforas religiosas ou ficções distópicas e passaram a fazer parte do noticiário cotidiano. Eventos climáticos extremos, crises migratórias, colapsos institucionais, pandemias, polarização social, ansiedade coletiva e uma sensação difusa de esgotamento civilizatório compõem o pano de fundo do nosso tempo.

Se projetarmos esse cenário cinquenta anos à frente, a distopia não exige grande esforço imaginativo. Um planeta mais quente, com ecossistemas empobrecidos, cidades pressionadas por fluxos humanos, democracias fragilizadas, tecnologias avançadas convivendo com pobreza estrutural e uma humanidade hiperconectada, porém profundamente fragmentada. Não necessariamente um colapso súbito, mas um **processo prolongado de degradação**, no qual crises deixam de ser exceção e passam a ser a normalidade.

No entanto, há um aspecto do Apocalipse que frequentemente esquecemos. Na sua origem etimológica, a palavra não significa destruição, mas **revelação**. *Apokálypsis* é o ato de retirar o véu, de tornar visível aquilo que estava oculto. Sob essa lente, o momento histórico que atravessamos pode ser compreendido menos como o “fim do mundo” e mais como o **fim de uma forma específica de compreendê-lo e habitá-lo**.

O que parece estar sendo revelado, com crescente clareza, são os limites profundos do paradigma que sustentou a modernidade: a crença no progresso ilimitado, no controle total da natureza, na separação entre sujeito e mundo, na primazia da eficiência sobre o sentido e da técnica sobre a maturidade humana. As crises que se acumulam não são acidentes isolados, mas sintomas de um modelo civilizatório que chegou ao seu limiar.

É nesse contexto que a pergunta “estariamos vivendo o Apocalipse?” ganha densidade. Talvez não no sentido espetacular do colapso imediato, mas como um **processo revelatório** que expõe nossas fragilidades internas, nossas desconexões profundas e a insuficiência das respostas que temos oferecido até aqui. O que vem sendo revelado não é apenas a falência de sistemas econômicos, políticos ou ambientais, mas o esgotamento de uma certa forma de consciência com a qual tentamos resolver problemas cada vez mais complexos.

A partir dessa revelação, torna-se inevitável reconhecer que os grandes desafios do nosso tempo — sustentabilidade, justiça social, saúde planetária — não são apenas problemas técnicos à espera de melhores soluções externas. Eles são **problemas adaptativos**, que exigem transformações internas: na forma como percebemos a realidade, lidamos com a incerteza, nos relacionamos uns com os outros e compreendemos nosso lugar no mundo vivo.

É a partir desse ponto que este artigo se desenvolve. Não para anunciar o fim, mas para investigar **o que o “apocalipse” contemporâneo está nos mostrando** — e por que, sem desenvolvimento interior, continuaremos altamente informados, tecnologicamente sofisticados e estruturalmente incapazes de transformar o que sabemos em um futuro habitável.

Nas últimas décadas, a humanidade produziu um volume sem precedentes de conhecimento científico, dados, métricas, relatórios e tecnologias voltadas à sustentabilidade. Nunca soubemos tanto sobre mudanças climáticas, colapso ecológico, desigualdade social e riscos sistêmicos. Ainda assim, os indicadores globais seguem se deteriorando. Essa contradição revela um limite estrutural das abordagens dominantes: **a crença de que informação, por si só, é suficiente para gerar transformação.**

Essa crença, conhecida como *teoria do déficit de informação*, parte da suposição de que os problemas persistem porque indivíduos, organizações e sociedades “não sabem o bastante”. Logo, bastaria ampliar o acesso ao conhecimento correto para que decisões mais responsáveis emergissem naturalmente. A ciência contemporânea, porém, mostra que essa premissa é profundamente insuficiente. O hiato entre saber e agir não é cognitivo; ele é **desenvolvimental, emocional, cultural e sistêmico.**

Os grandes desafios da sustentabilidade não são problemas técnicos a serem resolvidos por especialistas, mas **problemas adaptativos**, marcados por incerteza, múltiplas perspectivas legítimas, causalidade não linear e efeitos emergentes. Eles exigem não apenas novas soluções externas, mas **novas capacidades internas** para perceber, decidir e agir em contextos complexos.

As três desconexões na raiz da crise

A ciência da sustentabilidade tem convergido para um diagnóstico mais profundo: as crises externas que enfrentamos são manifestações de **três desconexões fundamentais** que atravessam indivíduos, culturas e instituições.

Desconexão de si mesmo

A modernidade produziu uma cisão entre mente, corpo e emoção. O pensamento racional, analítico e instrumental foi elevado à condição de única forma legítima de conhecimento, enquanto emoções, intuição e percepção corporal foram tratadas como ruído. O resultado são indivíduos altamente funcionais, porém com baixa capacidade de autorregulação, escuta interna e coerência ética sob pressão.

Essa desconexão ajuda a explicar um paradoxo recorrente nas organizações: líderes que defendem sustentabilidade em discurso, mas tomam decisões contraditórias quando confrontados com incentivos de curto prazo. Sem consciência dos próprios medos, vieses e mecanismos defensivos, a tomada de decisão em contextos complexos tende a ser capturada por ansiedade, reatividade ou busca excessiva de controle.

Desconexão dos outros

A segunda ruptura é relacional. Narrativas de individualismo extremo, competição permanente e meritocracia descontextualizada corroeram a confiança social. O outro passa a ser percebido como ameaça, concorrente ou obstáculo, e não como portador legítimo de uma perspectiva complementar.

Essa desconexão fragiliza o tecido social, alimenta polarizações e inviabiliza respostas coletivas a desafios sistêmicos. Sustentabilidade exige coordenação entre múltiplos atores, setores e culturas. Sem capacidades internas de empatia, escuta e diálogo, qualquer tentativa de ação coletiva se torna superficial, fragmentada ou meramente performativa.

Desconexão da natureza

A terceira desconexão talvez seja a mais profunda. O paradigma dominante ainda opera a partir da ideia de que seres humanos são separados, superiores ou externos aos sistemas vivos que os sustentam. A natureza é tratada como recurso, estoque ou cenário, e não como uma rede viva da qual fazemos parte.

Essa ruptura não é apenas ecológica, mas simbólica. Quando a experiência de pertencimento à vida é perdida, a ética ambiental se reduz a metas, compensações e indicadores, raramente a um compromisso genuíno e sustentado. A crise ecológica, nesse sentido, não é apenas um erro técnico, mas a expressão de um imaginário civilizatório desconectado.

Complexidade e limites

É nesse ponto que a contribuição de **Marcelo Gleiser** amplia e aprofunda o diagnóstico. A partir da física e da cosmologia, Gleiser questiona um dos pilares mais arraigados da modernidade: a crença de que o mundo é plenamente compreensível, previsível e controlável.

A ciência contemporânea, segundo ele, aponta exatamente na direção oposta. O universo é **incompleto, imperfeito, contingente e irreduzivelmente complexo**. Não há teoria final, nem domínio total. A busca obsessiva por controle, eficiência absoluta e otimização perfeita não apenas falha cientificamente, como produz efeitos culturais devastadores.

Essa crítica dialoga diretamente com as três desconexões. A desconexão da natureza se aprofunda quando acreditamos que ela pode ser totalmente dominada. A desconexão de si emerge quando negamos vulnerabilidade, limite e incerteza. A desconexão dos outros se intensifica quando tratamos sistemas sociais como máquinas a serem otimizadas, e não como sistemas vivos que dependem de confiança, redundância e cooperação.

Gleiser mostra que sistemas vivos prosperam não apesar da imperfeição, mas **por causa dela**. Erro, diversidade, redundância e adaptação contínua são fontes de resiliência. Quando organizações e políticas públicas são desenhadas como máquinas eficientes, tornam-se frágeis, intolerantes ao erro e incapazes de aprender. O resultado é ansiedade sistêmica e decisões defensivas — exatamente o oposto do que contextos complexos exigem.

Sustentabilidade como problema adaptativo

A teoria da complexidade reforça esse ponto. Problemas adaptativos apresentam características específicas:

- causalidade não linear,
- múltiplas interpretações legítimas,
- imprevisibilidade estrutural,
- coevolução entre sistema e observador.

Abordagens baseadas em controle, previsão e planejamento linear falham nesse contexto. Elas geram respostas rígidas a sistemas vivos, frequentemente agravando os próprios problemas que pretendem resolver. A sustentabilidade, portanto, não falha por falta de boas estratégias, mas por **limites na forma como percebemos e habitamos a complexidade**.

É aqui que o desenvolvimento interior deixa de ser um complemento “soft” e passa a ser reconhecido como **infraestrutura invisível da transformação sustentável**. Ele amplia capacidades humanas essenciais para lidar com complexidade, tais como:

- autorregulação emocional e atenção sustentada,
- pensamento sistêmico vivido, não apenas conceitual,
- capacidade de sustentar paradoxos sem colapsar em simplificações,
- abertura ao aprendizado transformador,
- tomada de decisão ética sem garantias absolutas.

Essas capacidades não emergem automaticamente com mais informação ou treinamento técnico. Elas exigem práticas intencionais de desenvolvimento interior ao longo do tempo, tanto no nível individual quanto coletivo.

Modelos de desenvolvimento da consciência, como a *Spiral Dynamics*, ajudam a compreender por que tantas iniciativas de sustentabilidade permanecem limitadas. Grande parte das estruturas atuais ainda opera a partir de lógicas egocêntricas, competitivas ou excessivamente racionalistas, que fragmentam sujeito, sistema e natureza.

A chamada **segunda camada de consciência** não elimina essas lógicas, mas as integra em uma visão mais ampla. Nela, a complexidade é reconhecida como condição permanente, a diversidade de perspectivas como recurso, e a interdependência como dado ontológico. Esse salto não é ideológico, mas **desenvolvimental** — e depende diretamente de *inner development*.

Nesse contexto, tradições indígenas, polinésias, africanas e orientais reaparecem não como nostalgia romântica, mas como fontes legítimas de conhecimento relacional. Elas sempre souberam, de forma experiencial, que indivíduo, comunidade e natureza formam uma totalidade viva.

O que muda hoje é o nível de consciência a partir do qual essas tradições podem ser reintegradas. Em uma consciência de segunda camada, elas dialogam com ciência, tecnologia e governança, ajudando a curar as três desconexões fundamentais da modernidade. Não se trata de retorno ao

passado, mas de um **movimento espiralado**: reencontrar o que foi esquecido em um nível mais amplo, reflexivo e integrador.

O verdadeiro gargalo é humano

A sustentabilidade nos confronta com um limite incômodo: **não resolveremos crises sistêmicas com estruturas internas imaturas**. O colapso que atravessamos não é apenas ecológico, econômico ou político; ele é, sobretudo, um colapso da nossa relação com o limite, com a imperfeição, com a incerteza e com a interdependência que sustenta a vida. Trata-se menos de uma falência de conhecimento e mais de uma falência de maturidade humana para lidar com a complexidade que nós mesmos criamos.

Nesse sentido, o “apocalipse” contemporâneo pode ser lido não como o fim do mundo, mas como o fim de uma forma específica — e historicamente situada — de habitá-lo. O que está em colapso é a ilusão de controle total, a fantasia de crescimento ilimitado, a crença de que eficiência técnica pode substituir consciência, e de que soluções externas podem compensar vazios internos. O que está sendo revelado é que chegamos longe demais com um modelo que negligenciou o desenvolvimento do próprio sujeito que decide, consome, governa e lidera.

É aqui que o desenvolvimento interior emerge não como luxo, modismo ou agenda paralela, mas como **condição estrutural** para que tecnologias, políticas e estratégias possam finalmente cumprir o propósito para o qual foram concebidas. Sem capacidades internas mais maduras — como autorregulação, humildade diante do não-saber, pensamento sistêmico vivido, capacidade de diálogo e responsabilidade ética sem garantias — toda solução externa tende a produzir efeitos colaterais que nos devolvem ao ponto de partida.

Há uma imagem recorrente no pensamento de Ken Wilber que se torna particularmente pertinente neste contexto: *só há uma saída — e ela é para dentro*. Não no sentido de fuga do mundo, mas no reconhecimento de que a qualidade do mundo que construímos é inseparável da qualidade de consciência a partir da qual agimos. Não há transição sustentável sem transição interior, porque não há sistemas maduros sustentados por sujeitos imaturos.

E talvez aqui caiba outra provocação wilberiana, tão simples quanto desafiadora: **todo mundo está certo — até certo ponto**. As abordagens técnicas estão certas. As políticas públicas estão certas. A ciência está certa. O mercado está certo. As tradições espirituais estão certas. Mas todas estão certas apenas até o limite do nível de consciência a partir do qual operam. Quando absolutizadas, tornam-se parte do problema que pretendem resolver.

Se esta reflexão oferece alguma contribuição, ela está justamente aqui: não em negar nenhuma dessas perspectivas, mas em apontar o ponto cego que as atravessa — o desenvolvimento do próprio humano que sustenta, interpreta e aplica cada uma delas. Sem esse deslocamento, continuaremos altamente informados, tecnologicamente sofisticados e estrategicamente bem-intencionados, mas **estruturalmente incapazes de transformar o que sabemos em um futuro verdadeiramente habitável**.

Talvez esse seja o convite mais profundo do apocalipse que vivemos: não o de prever o fim, mas o de amadurecer à altura do mundo que ajudamos a criar.

Referências Bibliográficas

BECK, Don E.; COWAN, Christopher C. *Spiral dynamics: mastering values, leadership and change*. Oxford: Blackwell, 1996.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GLEISER, Marcelo. *Criação imperfeita: cosmos, vida e o código oculto da natureza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GLEISER, Marcelo. *O caldeirão azul: refletindo sobre o mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

IPBES — INTERGOVERNMENTAL SCIENCE-POLICY PLATFORM ON BIODIVERSITY AND ECOSYSTEM SERVICES. *Transformative change assessment report: achieving the 2050 Vision for Biodiversity*. Bonn: IPBES Secretariat, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11382215>. Acesso em: jan. 2026.

IVES, Christopher D.; SCHÄPKE, Niko; WOIWODE, Christoph; WAMSLER, Christine. IMAGINE sustainability: integrated inner-outer transformation in research, education and practice. *Sustainability Science*, v. 18, n. 6, p. 2777–2789, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11625-023-01375-w>. Acesso em: jan. 2026.

KABAT-ZINN, Jon. *Wherever you go, there you are: mindfulness meditation in everyday life*. New York: Hyperion, 1994.

KEGAN, Robert. *In over our heads: the mental demands of modern life*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

KEGAN, Robert; LASKOW LAHEY, Lisa. *Immunity to change: how to overcome it and unlock the potential in yourself and your organization*. Boston: Harvard Business Press, 2009.

MACY, Joanna. *Coming back to life: practices to reconnect our lives, our world*. Gabriola Island: New Society Publishers, 1998.

MEADOWS, Donella H. *Thinking in systems: a primer*. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2008.

O'BRIEN, Karen. *You matter more than you think: quantum social change in response to a world in crisis*. Oslo: cChange Press, 2017.

SCHARMER, Otto. *Theory U: leading from the future as it emerges*. San Francisco: Berrett-Koehler, 2009.

SNOWDEN, David J.; BOONE, Mary E. A leader's framework for decision making. *Harvard Business Review*, v. 85, n. 11, p. 68–76, 2007.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

WAMSLER, Christine; BRISTOW, Jenny. At the intersection of mind and climate change: integrating inner dimensions of climate change into policymaking and practice. *Climatic Change*, v. 173, n. 7, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10584-022-03398-9>. Acesso em: jan. 2026.

WAMSLER, Christine et al. Linking internal and external transformation for sustainability and climate action: towards a new research and policy agenda. *Global Environmental Change*, v. 71, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2021.102373>. Acesso em: jan. 2026.

WAMSLER, Christine; OSBERG, Greg; JANSSE, Joris; STEPHAN, Louisa. Revolutionising sustainability leadership and education: addressing the human dimension to support flourishing, culture and system transformation. *Climatic Change*, v. 177, n. 4, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10584-023-03636-8>. Acesso em: jan. 2026.

WOIWODE, Christoph et al. Inner transformation to sustainability as a deep leverage point: fostering new avenues for change through dialogue and reflection. *Sustainability Science*, v. 16, p. 841–858, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11625-020-00882-y>. Acesso em: jan. 2026.

WILBER, Ken. *A theory of everything: an integral vision for business, politics, science and spirituality*. Boston: Shambhala, 2001.

NOTA: *Partes deste ensaio foram desenvolvidas em diálogo com modelos de linguagem de inteligência artificial, utilizados como suporte à exploração de ideias, à formulação de argumentos e ao refinamento da linguagem. Todo o conteúdo gerado por IA foi revisado, editado e integrado pelo autor, a fim de garantir precisão, coerência e alinhamento com o sentido pretendido. O enquadramento conceitual, a estrutura, os argumentos e todas as decisões editoriais finais são inteiramente obra do autor, com a IA atuando como ferramenta criativa e analítica — à semelhança de um assistente de pesquisa ou parceiro editorial. A responsabilidade integral pelo conteúdo é do autor.*